

## **MAAT – NÚCLEO DE ESTUDO DE HISTÓRIA ANTIGA: ENSINO, PESQUISA E EXTENSÃO EM PERSPECTIVA**

**ARTHUR RODRIGUES FABRÍCIO\***

**LILIANE TEREZA PESSOA CUNHA\***

### **Resumo:**

Surgido efetivamente em 2010 a partir de um projeto de monitoria, o projeto de extensão MAAT – Núcleo de Estudo de História Antiga agrega em si as atividades desenvolvidas pelos discentes participantes nos campos da docência, pesquisa e ensino desta área. Pensado como uma forma de fomentar as bases do estudo da Antiguidade no Nordeste, ainda muito incipiente, e acolher o número crescente de interessados no estudo e pesquisa deste campo, o MAAT tem crescido no cenário acadêmico do país através da dedicação e esforço de seus membros, com a orientação da coordenadora do grupo, professora doutora Marcia Severina Vasques. Nesse sentido, o presente artigo pretende tratar brevemente das dificuldades de pesquisar História Antiga no Brasil, especialmente no Nordeste, região em que o grupo está localizado, assim como explicar três atividades empreendidas pelo grupo, sendo elas a criação e manutenção de um sítio eletrônico (<http://www.cchla.ufrn.br/maat/>), com conteúdo selecionado e produzido pelos membros do projeto; a presença em reuniões periódicas onde os alunos recebem orientação e tem a oportunidade de aprofundar seus conhecimentos acerca do mundo antigo; e a elaboração de materiais lúdicos a serem apresentados ao grande público. Dessa forma, busca-se responder um questionamento central: é possível pesquisar História Antiga no Nordeste?

**Palavras-chaves:** MAAT; História Antiga; Nordeste.

### **INTRODUÇÃO**

O projeto intitulado “MAAT – Núcleo de Estudo de História Antiga”, orientado pela professora doutora Marcia Severina Vasques, engloba as principais atividades desenvolvidas na academia por parte dos discentes, a pesquisa, a extensão e o ensino. Através do projeto MAAT, que se encontra vinculado ao LARQ – Laboratório de Arqueologia do

---

\* Graduando em História pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN). Orientando da Prof<sup>ª</sup>. Dr<sup>ª</sup>. Marcia Severina Vasques, professora adjunta do Departamento de História (UFRN).

\* Graduanda em História pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN). Orientanda da Prof<sup>ª</sup>. Dr<sup>ª</sup>. Marcia Severina Vasques, professora adjunta do Departamento de História (UFRN).

Departamento de História – reúnem-se àqueles interessados no estudo da Antiguidade e Arqueologia Clássica, com um principal enfoque nas áreas de Egíptologia, Assiriologia, Grécia e Roma Antiga.

Partindo da necessidade de um grupo de alunos da graduação interessados no estudo de História Antiga, em meados do ano de 2009, criou-se o primeiro sítio eletrônico do grupo, História e Imagem no Oriente Antigo, alimentado com conteúdo proveniente do primeiro projeto de monitoria, orientado por Vasques. Com a criação de novos projetos, como os de Iniciação Científica, no ano de 2010/2011 e, conseqüentemente, a adesão de novos alunos ao grupo, houve a popularização do veículo e a necessidade de ampliá-lo. Optou-se, assim, por expandir a iniciativa em andamento, cujo projeto logo recebera um novo nome e endereço eletrônico: nascia assim o Núcleo de Estudo de História Antiga, MAAT (<http://www.cchla.ufrn.br/maat/>), cujo conteúdo – que vai desde indicações de sítios e materiais a entrevistas com grandes pesquisadores da área -, visa atender a demanda crescente dos alunos de graduação e pós-graduação, bem como a sociedade no geral.

Propõe-se no presente artigo a dissertar brevemente a respeito das dificuldades em se estudar História Antiga e da constituição e funcionamento do MAAT – Núcleo de Estudo de História Antiga, enfatizando os principais objetivos do projeto: a criação e manutenção do sítio eletrônico vinculado ao projeto (<http://www.cchla.ufrn.br/maat/>) que, ainda, funciona como uma ferramenta didático-pedagógica, reduzindo as fronteiras do conhecimento elaborado na academia ao grande público (comunidade externa), o principal alvo das atividades de extensão desenvolvidas na Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN); as discussões periódicas de caráter teórico sobre as principais obras e produções mais recentes dos estudos de História Antiga, enfatizando a temática de História e Espaços, presente no programa de pós-graduação do Departamento de História desta universidade, com o objetivo de preparar os discentes para o prosseguimento dos estudos na área; a elaboração de materiais lúdicos para serem apresentados ao grande público na maior mostra científica do Estado do Rio Grande do Norte, a CIENTEC – Semana de Ciência, Tecnologia e Cultura da UFRN, evidenciando a importância de novas linguagens no ensino de História Antiga através do uso de jogos.

## OS DESAFIOS EM ESTUDAR HISTÓRIA ANTIGA NO NORDESTE E A CRIAÇÃO DO MAAT

Sabe-se que pesquisar História Antiga no Brasil constitui, de fato, uma tarefa árdua, por diversos motivos que dificultam o trabalho daqueles interessados na temática. Pesquisar História Antiga estando no Nordeste não é diferente. Esta região ao longo de todo o século XX encontrou várias barreiras no que diz respeito à pesquisa, estando focado em diversos outros estudos, como o a questão das culturas e a formação das identidades regionalistas, relegando o estudo acadêmico da Antiguidade, e dos chamados Clássicos, a algo próximo da inexistência. Aqueles que por ventura estudavam tal temática eram vistos como estranhos, esquisitos ou alienígenas - representações coletivas que ainda insistem em perdurar no presente, mesmo com o aumento no número de interessados em pesquisar a Antiguidade -, como afirma o pesquisador Cleyton Silva:

*[...] quando se fala em estudos sobre a Antiguidade algumas imagens logo vem à mente dos mais desavisados, principalmente em relação ao historiador que pesquisa o assunto, um personagem exótico, alguém que está desconexo das discussões historiográficas atuais, despreocupado com a realidade social de seu país, seu estado, sua região. (SILVA, 2009: 1).*

Compreende-se que, realmente, estudar História Antiga, ainda mais no Nordeste, é um desafio. Em um primeiro momento, as dificuldades podem ser mais assustadoras do que realmente são e questionamentos costumam ser feitos, como: por que estudar um objeto espacialmente e temporalmente tão distante de nós? Em que esse tipo de estudo se relaciona com o presente? Por que preciso conhecer os antigos? Tais inquietações podem ser respondidas a partir dos próprios usos que se faz do passado, muitas vezes, para justificar situações do presente. Estudar História Antiga é ir ao início das tradições e dos costumes, cuja origem frequentemente passa despercebida. Quando se observa nosso calendário, por exemplo, não há a noção de que ele tem origem na Roma Antiga, com o calendário Juliano,

criado por Júlio César, que sincronizou o tempo oficial com o tempo real (GRIMAL, 2011: 119-120). Outro óbvio exemplo que se pode apontar, está mais próximo do que se imagina: é a nossa própria língua, que deriva-se, em parte, tanto do grego antigo, quanto do latim. Dessa forma, “inferimos que para se discutir o presente e para se construir um futuro melhor deve-se ao menos se conhecer o passado, por mais remoto que ele possa parecer” (GONÇALVES, 2002: 2).

Ainda sobre as dificuldades encontradas pelos pesquisadores da Antiguidade, pode-se citar as barreiras constituídas pela diversidade de idiomas necessários para o estudo dos Antigos. O que acontece é que o principal eixo de produção na área encontra-se nos Estados Unidos e na Europa, e o sistema de traduções e publicações no Brasil ainda é incipiente, obrigando os interessados a aprenderem diversos idiomas para dar continuidade às pesquisas – como inglês, espanhol, francês, italiano e alemão, além do conhecimento básico em grego e latim antigo -, e, ou importarem livros a preços dispendiosos, já que o acervo das bibliotecas do país é escasso.

Citando a Universidade Federal do Rio Grande do Norte, UFRN, como exemplo, a situação é ainda mais preocupante. Constatou-se, em consulta ao acervo da instituição, que o próprio sistema de bibliotecas não possui as obras clássicas de autores antigos, gregos e romanos, consagrados, como Heródoto, Cícero, Plutarco, Apuleio, Diodoro da Sicília, Júlio César, Tito Lívio, entre outros, livros esses considerados essenciais aos pesquisadores, que já se encontram distantes o suficiente de seu objeto de pesquisa. Por outro lado, existem meios de minimizar a escassez de fontes e materiais de referência como, por exemplo, o sistema de empréstimos entre bibliotecas, já que as bibliotecas do Centro e Sudeste do país, em comparação com a região Nordeste, estão em melhores condições no tocante ao acervo, apesar disso não resolver, nem de perto, os problemas gerados pela falta de títulos.

A respeito dos estudos no Sudeste do país, aos quais, na maior parte das vezes, nos encontramos à margem, a situação é outra. É lá que proliferaram diversos grupos de pesquisa nas últimas décadas, em destaque o Laboratório de História Antiga (LHIA), da UFRJ, Universidade Federal do Rio de Janeiro, o Núcleo de estudos da Antiguidade (NEA), na UERJ, Universidade Estadual do Rio de Janeiro, o Centro de Estudos Interdisciplinares da

Antiguidade (CEIA), na UFF, Universidade Federal Fluminense, além da existência do Museu de Arqueologia e Etnografia (MAE) da USP, Universidade de São Paulo, e do Centro de Estudos e Documentação sobre o Pensamento Antigo Clássico e sua Posterioridade Histórica, formado no Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da UNICAMP, Universidade Estadual de Campinas.

Esses centros formaram os profissionais que hoje procuram criar uma tradição de estudos da Antiguidade também na região Nordeste, como é o caso da pesquisadora Marcia Severina Vasques, que propôs e coordena o projeto MAAT – Núcleo de Estudo de História Antiga, além do engajamento da mesma na realização do XVII Congresso Nacional da Sociedade Brasileira de Estudos Clássicos, SBEC, ocorrido em Natal, e coordenado pelo professor doutor Markus Figueira da Silva, Rio Grande do Norte, em setembro de 2009, comprovando que cada vez mais o Nordeste entra no ciclo de estudos antigos. Vale salientar, ainda, que outros pesquisadores estão dando a sua parcela de contribuição para o fortalecimento dos estudos na região, como é o caso da pesquisadora Ana Lúcia Bonfim Vieira, da UEMA, Universidade Estadual do Maranhão, líder do grupo de estudo Mnemosine: Laboratório de História Antiga e Medieval, criado em 2006, responsável pelas edições bianuais do Encontro Internacional de História Antiga e Medieval do Maranhão, que reúne pesquisadores de diversos lugares do país e do mundo. Outro pesquisador que vem contribuindo para o desenvolvimento destes estudos é o professor José Maria Gomes de Souza Neto, da UPE, Universidade de Pernambuco, com o grupo Leitorado Antigo – Grupo de Ensino e Extensão em História Antiga, criado em 2006, e que busca inserir o estudo da Antiguidade na realidade do país.

Nesse contexto, o projeto MAAT – Núcleo de Estudo de História Antiga, foi criado para reunir os interessados em pesquisar História Antiga, bem como fomentar os estudos dessa temática no Nordeste. Para isso, foi criado um sítio eletrônico contendo materiais para consulta e referência, bem como algumas produções dos participantes do projeto, a fim de contribuir com os avanços dos estudos e angariar interessados na área. Além disso, o grupo se propõe a participar de eventos voltados ao público externo, visando meios para reduzir a distância entre o conhecimento acadêmico e o ensino básico, através de práticas

lúdicas, como o uso de jogos no ensino. Por fim, o MAAT engloba, ainda, uma base de pesquisa, onde os membros se reúnem periodicamente para discutir sobre os projetos em andamento dos pesquisadores em atividade e receber as devidas orientações acadêmicas. É sobre estas atividades que nos deteremos a seguir.

### **MAAT COMO SÍTIO ELETRÔNICO: O USO DAS NOVAS MÍDIAS DIGITAIS COMO FERRAMENTAS DE ENSINO E PESQUISA**

Uma das formas de reduzir as dificuldades de se estudar História Antiga pensada pelo grupo foi a criação de um sítio eletrônico (<http://www.cchla.ufrn.br/maat/>), em 2010, com conteúdo produzido pelos membros do projeto, bem como indicações de referências e outros portais para aqueles interessados em iniciar e/ou aprofundar suas pesquisas. Atualmente, o sítio do MAAT na internet é mantido por alunos vinculados ao projeto de extensão *Organização e Divulgação de Acervos Digitais: Internet e História Antiga* (2013), que visa organizar publicações atuais, fontes e documentos, bem como com teses, dissertações e artigos de pesquisadores da área, gerando um banco de dados com esse conteúdo, disponível aos pesquisadores interessados no LARQ, Laboratório de Arqueologia do Departamento de História da Universidade Federal do Rio Grande do Norte.

Tratou-se, anteriormente, das dificuldades de se pesquisar História Antiga no país, ocasionando a necessidade de se adaptar as realidades existentes. Nesse sentido, cabe a nós questionarmos como o sítio eletrônico do MAAT pode contribuir para a redução dessas dificuldades, tendo em vista as dinâmicas interacionais promovidas pela internet. Dessa forma, Pierre Lévy, respondendo críticas ao seu otimismo em relação à cibercultura, definida como um “conjunto de técnicas (material e intelectual), de práticas, atitudes, pensamento e valores que definem o ciberespaço” (LÉVY, 1999: 17), afirma que:

*[...] meu otimismo, contudo, não promete que a Internet resolverá a vida em um passo de mágica, todos os problemas culturais e sociais do planeta. Consiste apenas*

*em reconhecer dois fatos. Em primeiro lugar, que o crescimento do ciberespaço resulta de um movimento internacional de jovens ávidos para experimentar, coletivamente, formas de comunicação diferentes daquelas que as mídias clássicas nos propõem. Em segundo lugar, que estamos vivendo a abertura de um novo espaço de comunicação e cabe apenas a nós explorar as potencialidades mais positivas deste espaço nos planos econômico, político, cultural e humano. (LÉVY, 1999: 11).*

Percebe-se, através das palavras de Lévy, que o ciberespaço corresponde a conjuntos de comunicação que transmitem informação de forma virtual ou artificial, com características muito singulares, como, por exemplo, a velocidade de transmissão de conteúdos, a amplitude de informações disponíveis e a facilidade de transpor barreiras de comunicação. Trabalhando com esse ciberespaço, em especial com a internet, pensou-se e desenhou-se o sítio eletrônico do MAAT para que este viesse a se aproveitar das benesses fornecidas pela internet, agrupando-as em um ambiente virtual. Assim, “a distância e a dificuldade de acesso aos diferentes documentos e fontes para o estudo do mundo antigo, características do nosso ambiente acadêmico, diminuíram nas últimas décadas com o avanço da internet e de recursos multimídia.” (GUIMARÃES, 2008: 11).

Uma vez que o sítio eletrônico do MAAT fora criado para reunir um vasto leque de informações em benefício da comunidade acadêmica, estruturou-se o sítio da seguinte forma: uma breve apresentação acerca do projeto, seguido por abas intituladas *arquivos*, *indicações*, *entrevistas* e *equipe*. Na aba arquivos, encontram-se algumas teses e dissertações selecionadas pelos membros do projeto, com trabalhos provenientes do Museu Nacional, da UFF, UNICAMP e USP, bem como o acesso de artigos cedidos por alguns pesquisadores. Ainda na mesma aba, pode-se ter acesso a resumos e traduções realizadas por membros da equipe, incluindo o resumo dos capítulos da obra do egiptólogo Ian Shaw, *The Oxford History of the Ancient Egypt* (2003), realizado pelo discente Arthur Fabrício, primeiro bolsista de Iniciação Científica do grupo. Ainda nesse contexto, é possível ter acesso a documentários selecionados do *Youtube*, bem como algumas resenhas dos mesmos.

Ainda, na aba indicações pode-se acessar levantamentos bibliográficos de algumas bibliotecas do país, bem como ter acesso a indicações de outros portais relacionados à História Antiga, como museus, revistas, jornais, bibliotecas online, núcleos de estudo, e

sites de busca e download. Já na aba entrevistas, é possível acessar as respostas dos principais pesquisadores envolvidos com a temática - como as professoras doutoras Katia Pozzer, Margaret Bakos e Renata Garrafoli, e os professores doutores Pedro Paulo Funari e Marcelo Rede - às perguntas elaboradas pela equipe. Por fim, na aba equipe, encontram-se os dados e os contatos dos membros do grupo, bem como seus respectivos currículos Lattes e os dados dos projetos de pesquisa, extensão e monitoria ao qual estão vinculados. Nesse âmbito de contato com a equipe, é possível ter acesso ao e-mail do projeto, bem como a página do mesmo no *Facebook*, para completar o ciclo de comunicação virtual disponibilizado pelo grupo, estando abertos para sugestões, críticas e eventuais dúvidas do público em geral.

Dessa forma, busca-se utilizar as novas mídias digitais de forma positiva, tentando reduzir as fronteiras do conhecimento existentes entre a academia e o grande público. Sendo assim, a internet, e, em especial, o sítio do MAAT – que se constitui como a principal a ferramenta do grupo - serve ainda para ampliar o leque de ferramentas do historiador. É o que sugere, por exemplo, o professor doutor Antônio Fernando de Araújo Sá:

*o que posso sugerir é que os currículos de história incorporem essas novas fontes da história do tempo presente, dentre as quais a internet, pois não basta formar historiadores apenas lendo livros. É necessário que os professores de história forneçam ferramentas teórico-metodológicas para que a formação intelectual dos estudantes esteja de acordo com o tempo em que vivemos. (SÁ, 2008: 1).*

## **O MAAT, AS REUNIÕES PERIÓDICAS E OS EVENTOS**

O MAAT realiza, ainda, reuniões periódicas de cunho teórico, a fim de contribuir com a formação dos discentes e complementar a formação básica dos mesmos, em História Antiga, iniciada durante o primeiro semestre do curso de graduação em História. Nessas reuniões, coordenadas pela professora doutora Marcia Severina Vasques, discutimos textos previamente selecionados pela coordenadora e pelos membros do grupo. Para exemplificar,



durante o ano de 2012, o tema central escolhido para agrupar os textos a serem debatidos foi “História e Espaços”, o mesmo tema adotado pelo mestrado em História da Universidade Federal do Rio Grande do Norte, UFRN. Sendo assim, baseado em tal tema, foram debatidas as principais ideias do geógrafo brasileiro Milton Santos, do historiador e erudito francês Michel de Certeau, do geógrafo sino-americano Yi-Fu Tuan e do filósofo e sociólogo francês Henri Lefebvre.

De forma complementar, o MAAT também realiza encontros que visam abranger a comunidade acadêmica como um todo. Um exemplo possível foi, em 2010, a exibição e posterior discussão do filme *Ágora* (2009), do diretor Alejandro Amenábar, que conta a história da filósofa Hipátia de Alexandria que vivera no Egito entre os anos 355 e 415 d.C., época de dominação romana. Este pequeno evento, aberto também para os interessados e curiosos que não integram o grande grupo acadêmico, possibilitou um momento de discussão e troca de informações de maneira descontraída e dinâmica.

Ainda nesse contexto, em 2011 organizou-se o I Seminário de História e Arqueologia do Mundo Antigo, contando com a presença das professoras doutoras Adriene Baron Tacla, da UFF, Universidade Federal Fluminense, e Marinalva Vilar, da UFCG, Universidade Federal de Campina Grande, ministrando minicursos e conferências. Neste evento, os professores gentilmente organizaram um workshop, de modo que os alunos pudessem apresentar suas pesquisas e receber as devidas orientações. Graças ao sucesso e adesão de interessados, no ano seguinte, em 2012, realizou-se nova edição do evento, contando com a presença da professora doutora Sônia Regina Rebel de Araújo, e, novamente, da professora Adriene Tacla, ambas da UFF. Neste evento foram realizadas palestras e conferências de minicurso, com o intuito de estreitar laços com estes pesquisadores do Sudeste, bem como ficar a par daquilo que vem sendo produzido nesta região.

## **O MAAT E A PRODUÇÃO DE MATERIAIS LÚDICOS VOLTADOS AO PÚBLICO EM GERAL**

Sabe-se que o ensino de História Antiga no Brasil, principalmente no Nordeste, por afastar-se dos grandes centros, é deficitário. A educação brasileira como é de conhecimento geral, passa por transtornos, seja por falta de recursos ou mesmo por falta de qualificação dos docentes. A realidade do ensino e a ausência de incentivo torna as aulas monótonas, dificultando assim que o aluno tenha interesse pela disciplina e, conseqüentemente, causando um déficit de aprendizagem. Sobre os problemas encontrados no ensino, Vasques aponta:

*Falta de interesse por parte da direção da escola e da coordenação em planejar junto com os professores o novo modelo de ensino; por exigir uma maior dedicação e preparo por parte do professor, que deverá ter um tempo disponível para participar de reuniões pedagógicas e preparar sua aula de maneira adequada; baixos salários do professores, que devem arcar com uma carga horária semanal alta e que não têm tempo nem dinheiro para fazer cursos de atualização, comprar livros e revistas etc. Juntam-se a tudo isto as salas de aulas lotadas e em péssimas condições estruturais e temos o problema básico da escola pública brasileira. (VASQUES, 2008: 214).*

Nesse sentido, acredita-se que práticas lúdicas possa dinamizar o ensino, contribuindo com uma ressignificação dos métodos tradicionais de ensino-aprendizagem. Partimos do princípio que o interesse dos alunos cresce à medida que são estimulados. Sendo assim, um dos objetivos do projeto MAAT, voltado à extensão universitária, é facilitar o ensino de História Antiga através de jogos que induzirão o aluno a refletir acerca da Antiguidade. Para tanto, a utilização de práticas lúdicas corresponderia a uma alternativa viável para a melhoria do ensino, aliando criatividade, dinamismo e baixo custo na produção desses materiais didáticos.

Assim, aproveitando o ensejo da XVII e XVIII CIENTEC: Semana de Ciência, Tecnologia e Cultura promovida pela UFRN - – a maior mostra científica do Rio Grande do Norte – nos respectivos anos de 2011 e 2012, os membros do grupo optaram por elaborar jogos didáticos a respeito da História Antiga, para que os alunos pudessem ter mais contato com essa área do conhecimento, já que a realidade corrida do currículo escolar não permite o aprofundamento dos temas relacionados. Assim, produziram-se jogos mais simples, voltados

para o ensino infantil e fundamental como quebra-cabeças e jogos da memória temáticos, com imagens referentes ao Egito Antigo, Assíria, Grécia e Roma Antiga. No entanto, estes jogos não se baseavam apenas no suporte imagético, contando com mediadores aptos a explicar cada fragmento de história contado por aquelas peças, aliando informação à diversão.

Além destes, outros jogos mais complexos foram criados, voltados principalmente para o ensino fundamental e médio. Em destaque, produziu-se um jogo de tabuleiro contendo perguntas e respostas a respeito das civilizações citadas acima, visando, acima de tudo, informar os participantes através de textos bem construídos, além de testar os conhecimentos dos mesmos. Ainda, há um segundo jogo de tabuleiro que narra de forma dinâmica às aventuras e desventuras de Odisseu, baseado em trechos da adaptação infanto-juvenil de Ruth Rocha à obra de Homero.

Em relação à utilização destas novas linguagens no ensino de História, a pesquisadora Crislane Azevedo nos alerta que:

Não podemos, porém, esquecer que se, por um lado novas fontes, novas linguagens podem contribuir para a renovação metodológica no ensino de História, por outro lado, requer, por parte dos professores, domínio sobre o uso desses materiais para que não sejam mera ilustração do conteúdo tradicional da disciplina, sem trabalhos de reflexão. (AZEVEDO, 2010, p.10).

Nesse sentido, uma das propostas do grupo de extensão é levar as escolas estes jogos e capacitar os professores na utilização dos mesmos, de modo a romper com o tradicional ensino e a utilização quase exclusiva do livro didático “senhor de verdades absolutas, que ocupa o lugar do professor no planejamento da aula” (VASQUES, 2008: 215). Dessa forma, acredita-se que é possível reinventar e dinamizar o ensino de História antiga, tornando este ensino divertido, pois, como diriam célebres historiadores como Marc Bloch e Georges Duby, a História é feita, antes de tudo, para divertir.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

À guisa de conclusão, tratou-se nesse artigo das dificuldades de se estudar História Antiga, principalmente no Nordeste do país e do surgimento e desenvolvimento do grupo MAAT – Núcleo de Estudo de História Antiga, enfatizando as atividades de pesquisa, ensino e extensão desenvolvidas de acordo com o projeto. Assim, demonstrou-se minimamente as principais empreendimentos desempenhados pelo grupo, como o sítio eletrônico do MAAT, as reuniões periódicas e a participação em eventos que possibilitam o contato com o grande público. Ainda, mostrou-se que os estudos da Antiguidade são possíveis quando há esforço, amor e dedicação por aquilo que pesquisamos, superando os desafios quando estes se apresentam e obtendo sempre os melhores resultados a partir das críticas.

Por fim, salienta-se o caráter de continuidade do trabalho deste grupo. Procura-se construir pesquisas sólidas e de visibilidade para o restante do país e, por que não, o mundo. Para tanto, investe-se na política de compras de livros da Biblioteca Central da Universidade Federal do Rio Grande do Norte, além da construção de um banco de dados próprio ao grupo, contendo teses, dissertações, artigos, fontes históricas e produções historiográficas no geral, visando fornecer aos pesquisadores as ferramentas básicas necessárias para a realização de seu trabalho. Busca-se, também, possibilitar a adesão de novos membros ao grupo, para assim, alicerçar as bases daqueles que promete se tornar um dos maiores grupos de pesquisa em História Antiga do país.

## REFERÊNCIAS

AZEVEDO, Crislane B. *A renovação dos conteúdos e métodos da história ensinada*. **Revista Percursos**. v. 11, n. 2, p. 7-27, Jul.Dez. 2010a.

BLOCH, Marc. *Apologia da História ou o Ofício do Historiador*. Tradução de André Telles. Rio de Janeiro: Editora Jorge Zahar, 2002.

GONÇALVES, Ana Teresa Marques. *Desafios da Pesquisa em História Antiga no Brasil*. Dimensões, Vitória, v. 11, 2000/02. Disponível em: <<http://www.angelfire.com/planet/anpuhes/ensaio3.htm>>

GRIMAL, Pierre. *História de Roma*. Tradução Maria Leonor Loureiro. São Paulo: Editora Unesp, 2011.

GUIMARÃES, José Otávio. Reatualiza a Tradição Clássica. In: CHEVITARESE, André Leonardo; CORNELLI, Gabriele; SILVA, Maria Aparecida de Oliveira. (Orgs.). *A Tradição Clássica e o Brasil*. Brasília: Archai- UnB / Fortium, 2008.

LÉVY, Pierre. *Cibercultura*. Tradução de Carlos Irineu da Costa. São Paulo: Ed. 34, 1999.

SÁ, A. F. DE A. *Admirável campo novo: o profissional de história e a Internet*. Rio de Janeiro: Revista Eletrônica Boletim do TEMPO, Ano 3, n. 07, Rio, 2008. [ISSN 1981-3384] Disponível em: [http://www.temppresente.org/index.php?option=com\\_content&view=article&id=3620:admiravel-campo-novo-o-profissional-de-historia-e-a-internet&catid=36:historia-do-tempo-presente&Itemid=127](http://www.temppresente.org/index.php?option=com_content&view=article&id=3620:admiravel-campo-novo-o-profissional-de-historia-e-a-internet&catid=36:historia-do-tempo-presente&Itemid=127)

SHAW, Ian. *The Oxford History of the Ancient Egypt*. United States: Oxford University Press: 2003.

SILVA, Cleyton T. da Silveira. *Os Antigos e o Brasil: dilemas e desafios*. Anais eletrônicos do IV Cultura e memória, 2009.

VASQUES, Márcia Severina. História antiga na sala de aula: considerações sobre um velho problema. In: BURITI, Iranilson; DANTAS, Eugênia. (Orgs.) *Metodologia do ensino e da pesquisa: caminhos de investigação*. João Pessoa / Campina Grande: Idéia / EDUFPG, 2008.

# XXVII SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA

Conhecimento histórico e diálogo social

Natal - RN • 22 a 26 de julho 2013

ANPUH  
BRASIL